



unido pele **S**angue

Por: Daniela Gomes

Pesquisador afro-americano vê na pesquisa sobre o plasma humano uma maneira de trabalhar questões relacionadas a saúde da população negra

Após a diáspora, os povos negros espalhados por todo o mundo continuaram conectados de várias maneiras apesar da distância causada pelo tráfico negreiro.

Essa conexão, que é notada ao se observar a alimentação, manifestações culturais e religiosas e na exclusão social ainda hoje vivida pela população negra, se faz presente também em doenças que atingem principalmente os afrodescendentes.

No Brasil, país cuja população negra representa cerca de 50% do total de cidadãos, o Sistema Único

de Saúde (SUS), que garante atendimento médico gratuito a todos os cidadãos, se uniu a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, para criar uma série de propostas de promoção da saúde da população negra. O programa visa desde a anemia falciforme, doença transmitida geneticamente e que atinge um em cada 500 negros brasileiros, até o combate ao HIV/Aids, pois apesar do país ter um dos melhores programas de combate a doença no mundo, a população negra ainda é a mais atingida.

Primeiro afro-americano a ser proprietário de um centro de plasma (onde o plasma do sangue de doadores saudáveis é coletado para a fabricação de medicamentos), o C.P. Plasma Center (CPPC), Furquan Stafford, tem utilizado desse pioneirismo, para ajudar na pesquisa do tratamento de doenças relacionadas com a população negra e acredita que essa é uma causa que todos os negros deveriam abraçar, já que atinge não apenas os afro-americanos, mas afrodescendentes em todo o mundo.

Em entrevista exclusiva, Furquan

Stafford fala sobre a carreira, pesquisas com plasma, doenças que atingem principalmente a população negra e mais.

Afirmativa Plural – *Qual o caminho percorrido por você, que transformou um garoto que cresceu com dificuldades financeiras em um homem de sucesso?*

Furquan Stafford – Eu nasci em um mundo em que meu pai havia morrido sem me deixar nada e essa foi uma jornada dolorosa. Eu acredito que a maneira como as coisas aconteceram para mim, me impeliram a me esforçar para deixar algo para os meus filhos. Além disso, minha fé em Deus me deu forças para não ver os meus problemas financeiros, mas procurar o favor D’Ele em minha vida.

A paixão que eu tive por aprender sozinho através de livros que chamaram minha atenção e por ouvir o que as outras pessoas tinham a dizer, ir a conferências, acompanhar as notícias publicadas na mídia e ver o que meus mentores podiam me passar, através da indicação de livros, por exemplo, e o período que passei na Universidade Estadual da Geórgia, que foi um porto seguro para mim, onde eu pude ver pessoas das mais variadas nacionalidades estudando e isso também me inspirou. Em seguida, a participação no projeto Rainbow PUSH Peachtree, em Atlanta, me colocou em um novo nível, já que pude observar mulheres e homens negros poderosos.

Outra influência importante para que eu me tornasse um homem de negócios de sucesso, é a minha experiência na Igreja Batista New Birth Missionary, onde pude observar o meu pastor, que era um grande líder.

Afirmativa Plural – *Como você escolheu a área da saúde e mais específica-*

mente, como você começou a trabalhar com plasma?

Furquan Stafford – Minha mãe atuou na área da saúde por 25 anos e foi dessa maneira que a área da saúde entrou na minha vida. Quando eu terminei o ensino médio, um técnico conseguiu uma bolsa para mim em curso técnico na faculdade McCook em Nebraska, onde eu fui o primeiro negro a conseguir um diploma como Técnico em Enfermagem. Então eu planejava ser enfermeiro e trabalhar com emergências, mas após um estágio numa ala de emergências e em um Corpo de Bombeiros, no

// A luta contra o HIV/AIDS e a Anemia Falciforme é uma tarefa que todas as pessoas negras devem adotar, porque isso afeta o povo negro globalmente. //

Texas, eu mudei de idéia sobre a minha carreira.

Eu transferi meu curso para a Universidade Estadual da Geórgia e arranjei um trabalho em um centro de coleta de plasma. Em 1994, meu primeiro emprego depois de formado, foi no American Plasma Center, em Houston. Ali eu atuei em todas as áreas do processo de coleta do plasma e me apaixonei pelo negócio.

Então, depois de ser demitido da Sera-Tec em Atlanta, eu não tinha desejo de trabalhar para ninguém e precisava de estabilidade para o futuro da minha família, percebi que essa estabilidade viria de possuir meu próprio negócio.

Afirmativa Plural – *Como você acha que o seu trabalho pode ajudar pessoas ao redor do mundo?*

Furquan Stafford – A luta contra o HIV/AIDS e a Anemia Falciforme é uma tarefa que todas as pessoas negras devem adotar, porque isso afeta o povo negro globalmente. Eu não sei como isso aconteceu, mas eu estou envolvido com Anemia Falciforme, doença que afeta a população negra em todo o mundo. A doença falciforme é uma desordem de sangue hereditária que afeta os glóbulos vermelhos. Do ponto de vista médico, a Imunoglobulina intravenosa (IVIG) é um produto, cuja base é o plasma humano, que está sendo testado nos Estados Unidos. A suposição é que IVIG vai agir rapidamente para reduzir os *flare-ups* e, portanto, os escores de dor, o uso de narcóticos e o tempo de internação para pacientes com anemia falciforme.

Afirmativa Plural – *Você afirma ter uma missão nos últimos 16 anos. Que missão é essa?*

Furquan Stafford – Dr. Charles Richard Drew (1904-1950), o pioneiro do plasma sanguíneo, criou o primeiro banco de sangue móvel da Cruz Vermelha americana e é dado a ele o crédito por salvar vidas através da distribuição de plasma para os soldados feridos durante a Segunda Guerra Mundial. Era a época da segregação e os afro-americanos eram encaminhados para o porão dos hospitais para receber tratamento médico e, por vezes tinham o tratamento médico negado por causa da cor da sua pele.

Quando o Dr. Drew doou seu sangue, a Cruz Vermelha americana separou seu sangue do sangue europeu e como um ato de protesto, Dr. Drew se demitiu do seu cargo na Cruz Vermelha.



Furquan Stafford

Foto: Divulgação

Hoje não vivemos mais na época da segregação e apesar de os afro-americanos serem os principais doadores dessa indústria de bilhões de dólares, não estão representados entre os empresários deste setor.

Minha luta nos últimos 16 anos é para nivelar o campo para a inclusão da diversidade. O Plasma Protein Therapeutics Association (PPTA) é o guarda-chuva para o Plasma E.U. Collection Indústria. Ele fornece informações valiosas sobre a regulamentação necessária para atender aos requisitos da FDA. Mas não têm envolvimento com as operações diárias de seus membros globais. Estes membros globais são essenciais para a indústria americana de coleta de plasma. Eles controlam este setor e decidem quem entra. Essas empresas têm uma cadeia de centros de coleta de plasma nos Estados Unidos e não permitem o empreendedorismo negro.

Conversei com congressistas e senadores a respeito e, o que eu ouvi de todos eles é que, devido ao fato do Congresso americano ter aprovado um projeto de lei que acabou com a ação afirmativa, não há nada que possa ser feito a respeito desta situação.

O que eu acho ofensivo e desrespeitoso com os afro-americanos é que o governo dos Estados Unidos permita que membros desta indústria global, que tem sedes localizadas fora dos Estados Unidos, tenham controle dessa indústria em detrimento dos afro-americanos, que recebem simples migalhas pelas contribuições de sua vida. Para mim, esta é uma forma de escravidão moderna.

Minha empresa C.P. Plasma Center, Inc. (CPPC) e eu temos lutado pela igualdade neste setor, mas ainda não é suficiente. O presidente

Barack Obama representa “mudança” para o país e é necessária uma mudança nesta indústria.

Afirmativa Plural – *O Brasil tem um dos melhores programas do mundo na luta contra a Aids e o HIV, que é admirado em todo o mundo. Você acredita que uma troca de experiência entre os nossos países pode ajudar nessa luta?*

Furquan Stafford - Com certeza. Eu acho que é hora da comunidade afro-americana olhar além do entretenimento que o Brasil tem para oferecer. E ler e estudar a História do Brasil para descobrir como enfrentamos a mesma luta pela igualdade. Com ambos os países colaborando e utilizando seus recursos em conjunto, creio que muito pode ser alcançado.

Afirmativa Plural – *No caso específico da Anemia Falciforme, não há um programa específico no Brasil, pois alguns políticos afirmam que por sermos um país miscigenado, algumas pessoas não negras também podem ter a doença. Você acredita que para combater a doença é necessária a criação de um programa específico para a população negra?*

Furquan Stafford - Se você pesquisa a Anemia Falciforme, sabe que é uma doença que afeta apenas pessoas negras. Por isso, eu acredito sim, que deve haver programas específicos e que recursos devem ser alocados para combater esta doença que afeta a população negra no Brasil. Através dos anos, a Associação Americana da Doença Falciforme (Sickle Cell Disease Association of America) tem proporcionado uma liderança eficaz ao posicionar a doença falciforme e os problemas relacionados a ela, como uma preocupação de saúde pública importante e, na verdade um problema universal. ■